



**BAHIANA**  
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

MANUELA NUNES SANTORO

**TENDÊNCIAS E DETERMINANTES DO  
COMPORTAMENTO INFANTIL DE MORDER EM  
CRIANÇAS NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA REVISÃO  
NARRATIVA DA LITERATURA**

Salvador - BA

2023

ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

MANUELA NUNES SANTORO

**TENDÊNCIAS E DETERMINANTES DO  
COMPORTAMENTO INFANTIL DE MORDER EM  
CRIANÇAS: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho apresentado como exigência parcial para obtenção de nota semestral da  
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do  
9 semestre do curso de psicologia da Escola  
Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Orientador: Prof. Larissa Tristão Gramacho

Salvador - BA

2023

Dedico este trabalho a minha mãe Patrícia, que sempre me apoiou em todos os momentos.

## **AGRADECIMENTO (S)**

Agradeço a minha avó Dilma que é minha segunda mãe e me recebeu tão bem em sua casa no meu período de graduação, sem sua presença eu não conseguiria.

Ao meu pai José Manoel e minha mãe Patrícia que sempre fizeram de tudo para me ver feliz, vibraram por todas as minhas conquistas e sempre me acolheram nos momentos difíceis.

Ao meu irmão Felipe que é meu melhor amigo, que sempre me apoiou e secou minhas lágrimas quando precisei.

A minha amiga Amanda que considero uma irmã, que se fez e faz presente em todos os momentos da minha vida.

Gostaria de agradecer também a minha orientadora que com sua capacidade me transmitiu mais conhecimento e leveza na construção desse trabalho.

SANTORO, M. N. **Tendências e determinantes do comportamento infantil de morder em crianças: uma revisão narrativa da literatura.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), EBMSP, Curso de psicologia, 2023.

### RESUMO

Este TCC explora o impacto da entrada da criança no ambiente escolar em seu desenvolvimento, enfocando a expressão de comportamentos por meio do corpo, em particular o ato de morder, comum em crianças de 0 a 3 anos. O comportamento de morder é muitas vezes mal compreendido e associado à agressividade, gerando diversas emoções nos envolvidos, como angústia, medo e raiva. A psicologia, como a disciplina de estudo dos comportamentos humanos, desempenha um papel crucial no ambiente escolar, embora o conhecimento sobre sua atuação diante do comportamento de morder na infância seja limitado. Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar uma revisão narrativa da literatura para descrever as perspectivas de compreensão e possíveis intervenções psicopedagógicas relacionadas ao comportamento de morder na infância em âmbito escolar. Como resultados, a pesquisa identificou diversas razões associadas ao comportamento de morder, incluindo insatisfação, competição por brinquedos, apreensão, cuidado, impacto das figuras de autoridade, violência, tensão, redução do desconforto dentário, descoberta de itens, procura de conexões causa-consequência, satisfação na ação oral, necessidade de ser notado, manifestação de preocupação ou aflição, busca por apoio, liberação de energia, inquietude e transição de uma postura passiva para uma atitude ativa. Dentre as intervenções encontradas estão oferecer apoio à criança, analisar a causa da mordida, esclarecer os efeitos, rotular os sentimentos envolvidos, evitar o estigma da criança que morde e fornecer itens e alimentos para satisfazer as necessidades orais da criança. Desta forma, o trabalho contribui com a lacuna de conhecimento existente, bem como com a ampliação da compreensão desse fenômeno complexo.

**Palavras-chaves:** Mordida. Escola/Creche. Agressividade. Psicopedagogia.  
Comportamento infantil.

SANTORO, M.N. **Trends and Determinants of Child Biting Behavior in Children: A Narrative Literature Review.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), EBMSp, Curso de psicologia, 2023.

#### ABSTRACT

This undergraduate thesis explores the impact of a child's entry into the school environment on their development, focusing on the expression of behaviors through the body, particularly the act of biting, common in children aged 0 to 3 years. The behavior of biting is often misunderstood and associated with aggression, generating various emotions in those involved, such as anxiety, fear, and anger. Psychology, as the discipline studying human behaviors, plays a crucial role in the school environment, although knowledge about its role in addressing biting behavior in childhood is limited. Therefore, the aim of this work is to conduct a narrative literature review to describe perspectives of understanding and potential psychopedagogical interventions related to biting behavior in childhood within the school context. As a result, the research identified various reasons associated with biting behavior, including dissatisfaction, competition for toys, apprehension, care, the impact of authority figures, violence, tension, reduction of dental discomfort, discovery of items, seeking cause-and-effect connections, satisfaction in oral action, the need to be noticed, manifestation of concern or distress, seeking support, energy release, restlessness, and transition from a passive to an active stance. Among the interventions found are providing support to the child, analyzing the cause of the bite, clarifying the effects, labeling the involved feelings, avoiding stigmatizing the biting child, and providing items and food to satisfy the child's oral needs. In this way, the work contributes to the existing knowledge gap, as well as to the broadening of understanding of this complex phenomenon.

**Keywords:** Bite. School/Nursery. Aggression. Educational Psychology. Child Behavior.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1</b>	<b>Explicando o comportamento infantil de morder.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2</b>	<b>As possíveis intervenções com relação ao comportamento infantil de morder.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A inserção da criança no ambiente escolar representa um marco crucial em seu desenvolvimento, um período no qual ela começa a explorar seu corpo através da interação com seus pares, muitas vezes revelando comportamentos até então desconhecidos por seus responsáveis. Conforme abordado por Bove (2002), a inserção da criança no ambiente escolar não deve ser percebida apenas como uma experiência que envolve a separação da mãe. Em vez disso, é mais apropriado considerá-la como uma oportunidade para a construção de novos relacionamentos significativos.

Na escola, a criança se percebe como protagonista e expressa suas emoções não apenas verbalmente, mas também por meio de gestos e ações corporais. A boca desempenha um papel fundamental nesse processo, pois é por meio dela que nos comunicamos, expressamos nossas necessidades e exploramos o mundo que nos cerca. Nesse sentido, é importante ressaltar que morder é um comportamento comum, especialmente entre crianças de 0 a 3 anos, que estão passando por um período de desenvolvimento repleto de mudanças significativas (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008). Nesse sentido, essa ação representa uma maneira pela qual as crianças exploram o mundo ao seu redor e experimentam o novo.

Dolto (1972) traz que o recém-nascido inicialmente explora o mundo por meio de seu corpo e de suas necessidades instintivas, como a busca por alimentação. À medida que a criança cresce, experimenta saltos no desenvolvimento, o que pode atribuir diferentes significados ao comportamento de morder, embora muitas vezes seja interpretado apenas como um ato de agressividade (Estill, 2013). Gagliotto, Berté e Vale (2012) ressaltam que as manifestações agressivas das crianças têm uma finalidade comunicativa subjacente.

Neste sentido, uma questão pertinente é a necessidade de aprofundar a compreensão do significado subjacente à ação de morder por parte da criança, desvendando as mensagens que ela deseja transmitir por meio desse comportamento. Este comportamento tem impacto não

apenas na criança que morde e naquela que é mordida, mas também gera comoções no ambiente escolar, afetando não apenas as crianças, mas também seus responsáveis e educadores. Sentimentos de angústia, medo, solidão, tristeza e raiva são comuns diante dessa situação desafiadora (Nóbrega & Ferreira, 2015).

Neste contexto, a psicologia desempenha um papel significativo, uma vez que os profissionais dessa área estão presentes nas instituições educacionais e participam da mediação de tais situações. No entanto, o conhecimento científico acerca do papel da psicologia no manejo do comportamento de morder na infância ainda é limitado. Portanto, torna-se imperativo aprofundar as investigações sobre essa temática.

Entre um terço e metade de todas as crianças em creches dos Estados Unidos são mordidas por outra criança, indicam estudos trazidos por Law (2011), e em alguns desses estudos epidemiológicos esse número está mais próximo da metade de todas as crianças em creches. Assim, o presente trabalho tem como objetivo descrever perspectivas de compreensão e possíveis intervenções psicopedagógicas relacionadas ao comportamento de morder na infância em âmbito escolar, através de uma revisão narrativa da literatura.

## **2 METODOLOGIA**

O trabalho trata de uma revisão narrativa da literatura, que tem como objetivo descrever as perspectivas de compreensão e as possibilidades de intervenções psicopedagógicas relacionadas ao comportamento infantil de morder em âmbito escolar. Nesta é constituída uma abordagem de análise a literatura já existente em uma temática específica de estudo, é típico que se adote uma perspectiva descritiva que capacite o autor a narrar, descobrir e debater sobre o tema (Trentini & Paim, 1999). Assim, é preciso ter uma confiança clara do que quer ser estudado, assim Trentini e Paim (1999, p.95) trazem que “a revisão da literatura ocupa a posição

introdutória do projeto e, portanto, decide as bases intelectuais em que a lógica da pesquisa está sendo estruturada”.

A busca foi realizada nas bases de dados: SciELO Brasil, Biblioteca Virtual em Saúde, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde) e Google Scholar. Após esse momento de pesquisa, foi efetuada leitura e seleção dos materiais encontrados, através dos critérios pré-estabelecidos.

Os critérios de elegibilidade foram: artigos em inglês e português, artigos completos e artigos que tratassem do comportamento infantil de morder em crianças de 0-3 anos no contexto escolar, a partir de um enfoque da Psicologia, Pedagogia e/ou Psicopedagogia. Os critérios de exclusão foram: artigos que não estivessem em inglês e português, artigos repetidos, artigos que tratassem a mordida a partir da odontologia, artigos cuja população alvo do estudo fosse maior do que 3 anos e artigos fora do contexto escolar.

Para a seleção dos estudos foram utilizados, nas plataformas selecionadas, os descritores: “mordida e escola”, “mordida e creche”, “agressividade e mordida”, “mordida e creche e psicologia”, “mordida e psicologia”, “comportamento infantil e morder”, “psicologia e comportamento infantil e mordida” e “biting behaviour preschoolers”.

Após uma primeira pesquisa, percebeu-se que ao pesquisar os descritores nos bancos de dados SciELO Brasil, Biblioteca Virtual em Saúde, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde) houve uma escassez de artigos que discorressem sobre o comportamento infantil de morder. Apenas três artigos sobre a temática foram encontrados, porém nenhum desses se encaixou nos critérios de elegibilidade.

Dessa forma, na plataforma Google Scholar ao utilizar os descritores (“mordida e escola”, “mordida e creche”, “mordida e agressividade” e “biting behaviour preschoolers”) foram encontrados 61.270 artigos. Por conta do número elevado de materiais a pesquisa se deu até a página 30 de pesquisa, assim foram analisados os títulos e resumos de 1.200 artigos.

Destes, apenas 13 trabalhos entraram nos critérios descritos, com os anos de abrangência entre 1994 e 2022.

Como resultados, encontrou-se a mordida associada à frustração, disputa por brinquedo, medo, proteção, influência e imitação do comportamento de adultos, agressividade, estresse, aliviar a dor de dentes, explorar objeto e a relação causa-efeito, satisfação oral-motora, receber atenção, ansiedade ou angústia, pedido de ajuda, descarrego de excitação, agitação, e mudança de posição da criança de passiva para ativa.

Dentre as intervenções encontradas estão: acolher a criança, buscar compreender o sentido por traz do ato de morder, explicar as consequências do ato de morder para a criança, nomear sentimentos/emoções associados ao comportamento de morder, não estigmatizar/rotular a criança que morde, e oferecer objetos e comidas para que a criança possa ter uma satisfação oral-motora.

### **3 RESULTADOS**

#### 3.1 - Explicando o comportamento infantil de morder

Nóbrega e Ferreira (2015) abordam que a mordida é uma temática com poucas evidências, havendo um certo silenciamento, quando ela aparece é de forma genérica e podendo ser atrelada a questões de agressividade, os autores também trazem que “não é a mordida em si que precisa ser discutida, mas sim, o seu significado” (Nóbrega & Ferreira, 2015, p.22). Vários autores concordam que as mordidas são frequentemente rápidas, efetivas e tendem a ter repercussões imediatas, com maior incidência em crianças de até 3 anos (Banks & Yi, 2007; Greenman & Stonehouse, 1994; Law, 2011; Legg, 2012;).

Neste sentido, Banks e Yi (2007) afirmam que a mordida é um comportamento raramente premeditado e ocorre no limite dos recursos disponíveis, assim essa criança na educação infantil pode ter manifestações agressivas na tentativa de reafirmar seu espaço,

possuir um brinquedo ou chamar atenção de um adulto. Oliver em sua obra *Biting in the classroom: prevention and intervention a self-directed workbook for preschool teachers* “*the bite stops here*” (2022), dividiu em quatro blocos as razões do porque as crianças mordem. Essa divisão ficou estruturada em: razões cognitivas, razões do desenvolvimento, razões emocionais e razões sociais.

Dentre as razões cognitivas, o autor aborda aspectos cognitivos e de aprendizagem. Segundo ela, as crianças podem emitir esse comportamento como parte do seu processo de exploração e compreensão do mundo ao seu redor. Isso inclui a curiosidade e a busca por conhecimento por meio da experiência sensorial (Oliver, 2022).

Nos porquês cognitivos, foram elencados fatores como a escassa verbalização e a presença de síndromes e transtornos, como apontado também por Reynolds (2017). Esses elementos entram em conformidade com os estudos de Venezian, Oliveira e Araújo (2008) que interpretam esse comportamento como uma maneira pela qual a criança, que ainda não domina a linguagem verbal ou não se expressa com fluência, encontra na mordida um meio mais acessível de comunicação.

A mordida é abordada como uma questão muito intrínseca a linguagem das crianças, se tornando uma peça no quebra-cabeça da comunicação na infância, assim:

Para a criança que não adquiriu linguagem verbal, a mordida é um exemplo de uma tentativa de se comunicar, pode ser uma oportunidade que a criança tem de transformar em palavras aquilo que está querendo dizer, isso porque o ser humano conta com o recurso da palavra, da mediação simbólica. (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008, p.1).

Assim, uma vez que a aquisição da fala ainda não foi garantida por completo, a mordida pode ser um recurso utilizado como forma de comunicação ligada a ausência de repertório linguístico. Em relação às razões sociais, percebe-se que o contexto social em que as crianças

interagem desempenha um papel importante nas razões da mordida. Isso pode incluir situações em que as crianças mordem durante disputas por brinquedos, atenção, espaço ou como parte de interações sociais (Oliver, 2022).

Quando enfrentam problemas familiares, tais como abuso, abandono, negligência ou testemunham situações de violência, é comum que desenvolvam comportamentos disruptivos (Oliver, 2022). No entanto, é importante notar que, por outro lado, essa agressão pode ser um sintoma do medo que as crianças experimentam, levando-as a agredir outros adultos e crianças, muitas vezes recorrendo à mordida como um meio de autodefesa (Reynolds, 2017). Assim, os adultos, tanto em casa quanto na escola, desempenham um papel fundamental na formação e comportamento das crianças.

Os adultos são responsáveis pela reformulação de jogo e brincadeiras das crianças (Oliver, 2022). De acordo com essa perspectiva, as interações com adultos e a observação de suas ações podem influenciar a conduta das crianças e, em determinados contextos, contribuir para o surgimento do comportamento de morder.

No aspecto emocional, Oliver (2022) percebe que, muitas vezes, a mordida também pode estar ligada a emoções intensas, como frustração, raiva, medo ou ansiedade. As crianças podem recorrer à mordida como uma forma de expressar esses sentimentos, especialmente quando ainda não têm as habilidades verbais para fazê-lo.

Conforme apontado por Zinsser, Christensen e Torres (2016), a ausência de habilidades socioemocionais, tais como o reconhecimento de suas próprias emoções e a capacidade de lidar com os sentimentos, pode levar as crianças a recorrerem à mordida como uma forma de expressão. A vivência cotidiana do estresse, resultante de eventos como o nascimento de um irmão, mudanças na rotina, a separação dos pais, doenças, mudanças de residência ou a perda de entes queridos, pode se configurar como um fator estressante (Oliver, 2022).

Um dos fatores geradores de estresse na infância está relacionado ao ingresso no contexto escolar, uma vez que por vezes muitas crianças enfrentam o medo do abandono. O receio do distanciamento dos cuidadores e a ausência de vínculo afetivo sólido com os adultos em sala de aula podem ser considerados como um dos desencadeadores das mordidas (Morillo & Fonseca, 2015). Em situações em que uma criança persiste na prática da mordida, repetindo-a diariamente, é fundamental interpretar esse comportamento como um sintoma. Trata-se de um recurso que a criança utiliza para expressar o que sente, um meio de comunicação que, como enfatizam Venezian, Oliveira e Araújo (2008), se revela crucial para compreender as emoções e necessidades dessa criança. Dessa forma, o medo e a mordida podem estar intimamente ligados à experiência das crianças na escola (Reynolds, 2017).

A frustração desempenha também um papel significativo nas reações das crianças em relação à mordida. Algumas crianças possuem um limiar de frustração baixo, levando-as a morder quando não conseguem o que desejam, assim quando confrontadas com contrariedades, é comum observar reações de raiva, acompanhadas de comportamentos como chutes, bater os pés no chão, rasgar, quebrar objetos e, evidentemente, morder (Piazzaroli, 2019).

Esses episódios são frequentemente denominados de “birra”. É através da externalização desses comportamentos que a criança tenta obter a satisfação de seus desejos, como exemplificado em situações de disputa por brinquedos, em que a criança recorre à mordida na tentativa de assegurar o objeto desejado (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008). A frustração, assim, emerge como um fator que desencadeia essas respostas agressivas nas crianças em tenra idade.

As razões do desenvolvimento estão relacionadas às diferentes fases de crescimento e desenvolvimento das crianças. Essa mordida então, pode ter diversos outros sentidos como: aliviar dor dos dentes que estão nascendo, explorar causa e efeito (o que acontece quando eu mordo?), satisfação oral-motora, receber atenção e agir em auto defesa (Koralek, 1999). Outras

explicações para o comportamento de morder descritos, foram conhecimento de objetos, expressão de ansiedade ou angustias, pedidos de ajuda, descarrego de excitação, agitação, energia e pode ainda ser a mudança de posição da criança de passiva para ativa (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008).

Essa agressividade, como argumenta Estill (2013), desempenha um papel vital em nosso desenvolvimento, impulsionando-nos a crescer e a explorar o mundo que nos cerca, é a partir desses comportamentos agressivos que conseguimos atender a necessidades fundamentais, como alimentação, reprodução e busca por conhecimento. Através da descoberta do outro, a criança inicia o processo de descoberta de sua própria existência. Nesse contexto, o comportamento infantil de morder, embora possa parecer machucar e intimidar, pode ser compreendido como agressivo no sentido de que ele permite a ação de exploração, reconhecimento, incorporação e experimentação (Estill, 2013).

O estigma da criança mordedora pode limitar suas experiências, reforçando o comportamento de morder, em vez de abordar suas necessidades de forma mais ampla. O foco pode ser desviado do cuidado com a criança para um cuidado em torno da criança, como observado por Nóbrega e Ferreira (2015). Assim, Greenman e Stonehouse (1994, p.85) corroboram que esse comportamento “sim, é um ato antissocial, mas um ato de um indivíduo que ainda não está preparado para ser completamente social, começando a vida como um cidadão”.

### 3.2 – As possíveis intervenções com relação ao comportamento infantil de morder

O adulto desempenha um papel primordial na gestão do comportamento agressivo da criança, assegurando que a manifestação agressiva não saia do controle, permitindo, ao mesmo tempo, que a criança possa se expressar sem causar danos a si mesma e ao seu ambiente (Estill, 2013). Diante dessa perspectiva, surge a questão: quais estratégias existentes, embasadas na

literatura, podem ser empregadas para a contenção efetiva do comportamento de morder em crianças?

É de suma importância considerar a criança como um ser completo, capaz de experimentar uma variedade de emoções, incluindo dor, angústia, ansiedade e saudade. A impossibilidade de expressar essas emoções pode se tornar uma fonte significativa de estresse para a criança. Portanto, quando a mordida se torna um hábito diário, é fundamental observá-la como um sintoma de que algo não está indo bem para aquela criança (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008). Situações desse tipo abrem uma valiosa oportunidade para que os adultos se mobilizem e enfrentem esse problema de forma construtiva, buscando compreender e atender às necessidades emocionais da criança de maneira adequada.

Venezian, Oliveira e Araújo (2008) trazem que deve se começar a tratar o problema a partir dos adultos, sendo assim é importante reuniões interdisciplinares para discutir a posição dessa criança dentro de sala de aula, a criação de novos projetos psicopedagógicos com brincadeiras que estimulem essas questões e conversas com os pais para estabelecer as parcerias necessárias em todo o processo.

O educador desempenha um papel fundamental ao demonstrar afeto, não apenas por meio de palavras, mas também ao fornecer um ambiente atencioso e um planejamento cuidadoso, com atividades que incentivem a autonomia da criança. Essa aprendizagem é impulsionada pela construção de vínculos sólidos, com a criança identificando-se com seu cuidador. A ausência desse vínculo pode gerar sentimentos de desamparo na criança, exigindo que alguém de referência para a criança introduza novas atividades para preencher essa lacuna e promover o desenvolvimento saudável (Estill, 2013). Portanto, o afeto e a construção de vínculos desempenham um papel crítico no desenvolvimento e bem-estar da criança, particularmente no contexto escolar.

Por mais que seja uma urgência para esse educador que essa criança pare de morder logo, por conta das implicações sociais que são atingidas por conta das manifestações agressivas, há atitudes que podem prejudicar e dar o efeito contrário, como: expor a criança dando bronca na frente de todos os colegas, deixar a criança com o brinquedo que adquiriu injustamente, incentivar a dar o troco, morder a criança de volta mostrando que a violência é aceitável para a resolução de problemas, dar muita atenção a criança, colocar a criança no estigma de mordedora e dar castigos físicos (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008).

Legg (2012) afirma que é interessante recorrer também a outros recursos para ajudar a determinar se há algo mais que possa ser feito para aliviar a situação das mordidas. Sendo assim às vezes, ter um especialista em educação infantil ou alguma outra pessoa da comunidade observando a sala de aula pode fornecer alguma visão sobre o problema.

As atividades de refeição, higiene, brincadeiras e relaxamento são ambientes para serem explorados e trabalhados com as crianças no sentido de ampliar repertório, aos poucos esse trabalho vai favorecendo o desenvolvimento de novas expressões e códigos de comunicação diferentes da agressividade (Estill, 2013). Assim, é importante expor as crianças a situações reais e ter expectativas que tenham sentido com a idade daquela criança, os conflitos são normais e esperados, mas cabe ao adulto intervir e dar significado e seguimento naquilo.

Cabe ao adulto internalizar e perguntar, o que ela quer me dizer com esse comportamento? Como exemplo trago a disputa de brinquedos (situação comum de acontecer mordidas) esse adulto deve entrar com o recurso da linguagem e explicar que talvez essa não seja a melhor forma de conseguir o que quer, talvez lhe apresentar um novo brinquedo ou uma nova atividade para que perceba que há outros caminhos para lidar com suas angustias, ansiedades e excitações (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008).

Koralek (1999) em seu estudo traz algumas outras intervenções possíveis, como: fazer questão de ter uma rotina previsível e consistente, oferecer atividades diferentes, ensinar

caminhos para a criança ter autocontrole, reforçar os comportamentos positivos dessa criança, oferecer comidas com uma variedade de texturas para satisfazer as necessidades sensoriais dessa criança, ensinar a criança palavras para impor limite e evitar estigmatizar essa criança para que não tenha impactos na sua autoestima.

No momento em que ocorre a mordida, surgem diversas abordagens para lidar com a criança. Portanto, como destacado por Venezian, Oliveira e Araújo (2008), é essencial adotar uma abordagem que inclua uma conversa tranquila com a criança para compreender o motivo por trás da mordida. Além disso, é importante observar as situações em que a mordida ocorre, demonstrar firmeza na manutenção dos acordos prévios estabelecidos com a criança em relação à mordida, enfatizando a importância dos limites. Também é recomendado oferecer alternativas para satisfazer os impulsos orais da criança, como a possibilidade de morder um biscoito ou um brinquedo, em vez do corpo de um colega.

A realidade é que dói ser mordido, porém a depender da idade a criança ainda não simbolizou a dor assim deve ser ensinada como os outros se sentem com essa ação. Ajudar as crianças a cuidarem umas das outras as coloca para experienciar causa e efeito e as ensina sobre dor emocional e consequências físicas das suas ações (Oliver, 2022). É interessante que a criança que foi mordida descreva como se sente, podendo fazer isso com ajuda de um adulto.

É de extrema importância lembrar que a intervenção não deve se limitar ao momento da mordida. Ao simplesmente dizer à criança que ela não pode fazer isso, é fundamental explicar e dialogar com ela. Uma abordagem recomendável é se colocar na altura da criança durante as intervenções, como sugerido por Oliver (2022). É no cotidiano que a criança molda seu comportamento, e os adultos desempenham um papel central como modelos de conduta. Portanto, é essencial que os adultos demonstrem, no dia a dia, que a comunicação verbal é a maneira de expressar sentimentos e resolver conflitos, como enfatizado por Venezian, Oliveira

e Araújo (2008). Dessa forma, as interações diárias oferecem oportunidades valiosas para a aprendizagem e modelagem do comportamento infantil.

Todas essas orientações psicopedagógicas são fundamentais e devem ser compartilhadas com pais e crianças, destacando sempre a importância de compreender o significado por trás da mordida, que é uma possibilidade de comunicação. Dessa forma, a criança tem a oportunidade de redirecionar o uso da boca, para formas socialmente aceitáveis de expressão, como falar, cantar ou gritar, como salientado por Venezian, Oliveira e Araújo (2008). Essas estratégias têm como objetivo não apenas abordar o comportamento de morder, mas também promover uma compreensão mais profunda das motivações por trás dessa ação, oferecendo à criança alternativas mais apropriadas para expressar suas necessidades.

#### **4 Discussão**

A infância é o momento que a criança se coloca no mundo como um pesquisador, diariamente são novas descobertas. A literatura traz que os bebês conhecem o mundo primeiro pela boca. Como é posto por Dolto (1972), a partir de uma análise psicanalítica, que caracteriza a fase oral como um momento de organização libidinal tendo a concentração na boca. Assim, a principal zona erógena infantil nesse período é a boca, onde a criança continua com os movimentos de sucção independentemente da fome.

A criança em sua fase oral ela morderá tudo que leva na boca, inclusive o seio da mãe, sendo essa uma primeira manifestação de uma pulsão agressiva (Dolto, 1972). Para ela a transição da fase oral para a fase anal não é imediata, elas se confundem por algum tempo, por volta dos 18 meses a criança começa a sair dessa fase. Nesse período a criança percebe a ambivalência dos sentimentos que tem por aquele adulto de referência e está detida na aprendizagem do controle esfinteriano.

Com essa fase anal já estabelecida, a criança tem condições neuromusculares consideradas satisfatórias e, por esta razão tende a ser ativa e, precisa do movimento no seu dia a dia. Pode ser barulhenta e agressiva com relação as pessoas e objetos de seu convívio diário, sendo muitas vezes confrontante com a figura do adulto.

Essas manifestações agressivas representam uma tentativa constante de comunicação por parte da criança, muitas vezes relacionada à sua dificuldade em compreender limites e controlar seus impulsos. Nesse contexto, conforme já mencionado, cabe ao adulto atribuir significado a esse comportamento (Gagliotto, Berté & Vale, 2012; Nóbrega & Ferreira, 2015; Venezian, Oliveira e Araújo, 2008). De acordo com esses autores, toda manifestação agressiva busca comunicar algo, portanto, é responsabilidade do adulto compreender o que a criança está tentando transmitir e responder de maneira afetuosa a esse comportamento. Winnicott (2008) enfatiza que a agressividade, em seu estágio inicial, é um impulso que direciona os primeiros passos de exploração.

As crianças, como observam Fiamenghi-Jr, Bressan e Porto (2003), são frequentemente influenciadas por seus contextos familiares, e muitas vezes refletem em ambientes escolares o que experimentam em casa. Assim, corroborando Nabavi (2012) cita a Teoria Social de Aprendizagem, do renomado psicólogo Albert Bandura que a construiu ao longo de sua carreira, onde as crianças têm a capacidade de reinterpretar e reproduzir jogos e brincadeiras que presenciam de familiares e amigos. Comportamentos oriundos de adultos, como ações lúdicas que envolvem frases que se utilizam da mordida como brincadeira, podem desempenhar um papel significativo na explicação e na inspiração do comportamento de morder seus colegas na escola.

Ao ser inserido na escola a criança pode ter novas demonstrações de agressão, é comum situações de birra, briga, se jogar no chão, morder, tapas e socos. Para Lacan (1998), essas manifestações não são apenas lúdicas, mas são as experiências que antecipam nosso plano

psíquico a unidade funcional corporal. Essa ainda não compreende as regras sociais do ambiente, e com essa entrada na escola passa a ser regida por um novo microssistema, com o aparecimento de novos personagens (Candrea et al, 2009).

Dal'Igna (2011) traz que a família participa do processo ensino-aprendizagem, mas a escola auxilia nesse processo. Com isso, se faz importante fortalecer os vínculos entre cuidadores e educadores para estabelecer um plano de base para entender quais são os sintomas que estão por trás daquela mordida infantil que se repete diariamente. Esse estresse pode tornar a criança emocionalmente instável, dificultando sua capacidade de expressão e reação emocional (Ho & Funk, 2018).

O processo de humanização é, em essência, um processo de educação. A educação como posto por Souza (2016) nem sempre é um ato deliberado, pois as crianças frequentemente absorvem conhecimentos através da observação e imitação de adultos, que nem sempre tem a intenção de educar conscientemente. A responsabilidade recai sobre os educadores, pais e psicólogos educacionais para considerar a atividade principal como aquela pela qual a criança compreende o mundo da cultura e desenvolve-se psicologicamente (Souza, 2016). Portanto, entende-se que a interação com os objetos na primeira infância se torna um meio para aquisição de conhecimento e formação de novos saberes.

Essa criança é submetida a um espectro complexo de emoções, caracterizado por elementos centrais nas relações humanas: amor e ódio, que, como ressalta Winnicott (2008), frequentemente se associam à agressividade. Essa então, pode ser vista como um comportamento não adaptativo dessa criança, se fazendo necessário a introdução de ferramentas para autorregulação emocional. Andrade e Bezerra (2009), a consideram como uma característica inata, intrinsecamente humana e integrante do psiquismo. Como podemos, então, não esperar que bebês e crianças, que estão apenas começando a compreender o mundo ao seu redor, manifestem certos comportamentos agressivos?

É crucial no processo que não se estigmatize essa criança como a mordedora, então cabe a equipe psicopedagógica ter confiança e buscar a ação reflexiva como um agente de transformador social. Segundo Castelli (2010), essa reflexão diária implica que o docente ponha em prática o seu conhecimento, repense sua prática e avalie suas condições frente aos desafios encontrados na profissão.

Quando os adultos interpretam de maneira equivocada o que a criança está tentando comunicar, ocorre uma espécie de apagamento (Träsel, 2016). Nesse contexto, a mordida assume um significado simbólico e é interessante observar como esse comportamento está intrinsecamente ligado à complexidade das relações interpessoais. Ao ser rotulada como mordedora, a criança é afastada do papel de alguém que precisa ser cuidado para ser vista como alguém a quem se deve ter cuidado. Isso reflete a mudança na dinâmica dos relacionamentos.

A mordida por parte das crianças muitas vezes é associada a problemas de comportamento, e essa ideia frequentemente sugere que os desafios enfrentados pelas crianças estão ligados ao repertório comportamental de seus pais. Os pais, por sua vez, podem carecer de modelos desejáveis para promover um bom desenvolvimento em seus filhos (Bolsoni-Silva, Paiva & Barbosa, 2009). Com isso, se torna de suma importância enfatizar que o comportamento das crianças não é algo exclusivamente de influência parental, tendo uma gama de fatores ambientais, sociais e biológicos envolvidos.

Essa situação de mordida é delicada, mas é esperada na faixa etária de 0-3 anos (Greenman & Stonehouse, 1994). Conseqüentemente, deve se cuidar das repercussões dessa mordida, atuando com a criança que mordeu com intervenções cabíveis naquela situação. Acolhendo o sofrimento da criança que foi mordida e atuar também com os pais, que de um lado podem estar bravos e de outro envergonhados, fazendo uma mediação para que não exista a cristalização de rótulos (a vítima e o/a mordedor/a).

É importante salientar que a autoestima das crianças e seu senso de autovalor são moldados nos primeiros anos de vida. Durante esse período, as crianças têm a tendência de considerar como verdades absolutas todas as mensagens que recebem, seja dos pais ou de pessoas próximas. Esse é o processo pelo qual se desenvolve o sistema de crenças de cada indivíduo. Esse processo, embora silencioso e inconsciente, é igualmente potente e influente, como posto por Galindo (n.d.).

Os adultos diante do comportamento de morder por parte de uma criança, frequentemente tendem a atribuir esse comportamento como algo merecedor de um rótulo. Esse estigma pode limitar as experiências da criança, reforçando o comportamento de morder, em vez de abordar suas necessidades de forma mais ampla. O foco pode ser desviado do cuidado com a criança para um cuidado em torno da criança, como observado por Nóbrega e Ferreira (2015).

Desse modo, conforme destacado por Otta e Bussab (1998), a abordagem de lidar com um bebê cujo comportamento se diferencia do esperado pode ser desafiadora e desestabilizadora para os cuidadores, sejam eles pais, familiares ou profissionais da educação, mas tal situação exige um olhar renovado e sensível para compreender e atender às necessidades únicas da criança. Além disso, a pesquisa de Pellegrini, Bartini e Brooks (1999) enfatiza como as crianças que manifestam comportamentos mais hostis muitas vezes são rotuladas como difíceis e, como resultado, acabam recebendo menos investimento afetivo e acadêmico por parte dos professores e colegas, o que ressalta a importância de promover uma abordagem mais inclusiva e compassiva na educação e na sociedade como um todo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa ressalta-se a necessidade de não rotular a criança como a "mordedora" e realça-se a importância de fortalecer os laços entre cuidadores e educadores para

compreender as causas subjacentes das mordidas repetidas. A agressão na infância, muitas vezes mal compreendida, é, na verdade, uma tentativa de comunicação, frequentemente relacionada à dificuldade de compreender limites e controlar impulsos. Portanto, é fundamental que os adultos atribuam significado a esses comportamentos e respondam com respeito e empatia.

É interessante enxergar as potencialidades na comunicação dessas mordidas, como os fatores ambientais, sociais e emocionais que transpassam essa criança. Esse comportamento é uma oportunidade da criança se mostrar ativa, neste sentido, a fase do desenvolvimento correspondente à primeira infância é aquela na qual a criança se coloca no mundo, podendo ser a mordida:

Uma oportunidade que a criança tem de transformar em palavras aquilo que está querendo dizer, mas isso dependerá de como o adulto a recebe, de como faz a leitura do que a criança tenta demonstrar, pois o jeito que a criança e adulto irão lidar com a situação é que dá ou não caráter simbólico, estatuto de significante a mordida. (Venezian, Oliveira & Araújo, 2008, p.5).

Essa citação sugere que quando a criança morde algo ou o outro, esse comportamento pode ser uma forma de demonstrar o que está sentindo ou tentando se comunicar. Porém, quem fará a interpretação dessa mordida será o adulto e a partir daí pode reagir ou não para com esta ação. Assim, a forma como a criança e o adulto lidam com essa situação pode dar um caráter simbólico ou simplesmente considerá-la um ato sem significado.

O conhecimento científico sobre o papel da psicologia no enfrentamento do comportamento de morder na infância ainda é limitado. Assim, o processo de pesquisa buscou ampliar o olhar para essas crianças, entendendo que esse caminho está apenas começando, para que se não caia sempre no mesmo pensamento sem considerar essa criança como ativa nas suas

escolhas. Buscando aprimorar progressivamente o tema, com ênfase no contexto brasileiro, dada a abundância de material estrangeiro.

Portanto, este trabalho surge como uma resposta a essa lacuna de conhecimento, e acredita-se que os resultados deste estudo poderão contribuir academicamente, ampliando a compreensão desse fenômeno complexo e, ao mesmo tempo, possibilitando o surgimento de novas estratégias de apoio e confiança para responsáveis e educadores, resultando em ambientes mais saudáveis e enriquecedores para o desenvolvimento das crianças.

## Referências

- Andrade, E. V. D., & Bezerra Jr, B. (2009). Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 445-453. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000200013>
- Banks, R., & YI, S. (2007). Dealing with biting behaviors in young children. *At health*. <https://athealth.com/topics/dealing-with-biting-behaviors-in-young-children/>
- Bolsoni-Silva, A. T., Paiva, M. M. D., & Barbosa, C. G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. *Psicologia clínica*, 21, 169-184. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000100012>
- Bove, C. (2002). Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. 14 (2), 134-149.
- Candrea, T., Cassiane, V. & Prodocimo, E. (2009). A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. *Pensar a Prática*. 12 (1). <https://doi.org/10.5216/rpp.v12i1.4520>
- Castelli, M. D. B. (2010) A reflexão sobre a prática pedagógica: processo de ação e transformação. *Encontro de pesquisa em educação da região Suland sul*. 8.

- Dal'Igna, M. C. (2011). Família S/A: Um estudo sobre a parceria família-escola. *Lume*.  
<http://hdl.handle.net/10183/36536>
- Dolto, F. (1972) *Psicanálise e pediatria*. Zahar.
- Estill, D. A. (2013). Mordidas na primeira infância. *Primeira infância*.  
<https://primeirainfancia.org.br/noticias/mordidas-na-primeira-infancia/>
- Fiamenghi-Jr, G. A., Bressan, C. G. & Porto, J. C. (2003). O desenvolvimento da agressão entre crianças da pré-escola: subsídios para uma análise das relações sociais. *Tema sobre desenvolvimento*, 12(67), 26-32.
- Gagliotto G. M., Berté, R., & Vale, G. V. (2012). Agressividade da criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. *Revista reflexão e ação*, 20(1), 144-160.
- Galindo, T. P. S. (n.d.) O papel da Psicologia Positiva Construtiva na formação da autoestima infantil. *Academia Edu*.  
[https://www.academia.edu/download/64802467/Psicologia\\_positiva\\_construtiva.pdf](https://www.academia.edu/download/64802467/Psicologia_positiva_construtiva.pdf)
- Greenman, J., & Stonehouse, A. W. (1994). Reality bites: Biting at the center. *Child Care Information Exchange*, 1(99), 85-88.
- Ho, J., & Funk, S. (2018). Promoting young children's social and emotional health. *Young Children*, 73(1).
- Koralek, D. (1999). Understanding and responding to biting. *Kaplan Prass*, 135-138.
- Lacan, J. (Ed.) (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. *Escritos*, 96-103.
- Law, M. B. (2011). Biting questions. When a toddler bites, how do you handle the biter, the victim and both sets of parents. *American Psychological Association*, 42(2), 50.  
<https://www.apa.org/monitor/2011/02/biting>
- Legg, J. (2012). What's a little bite among friends. *Child care Information Center*, 7(93), 41-42.
- Morillo, S. H. & Fonseca, F. P. A (2015). A singularização infantil: por uma indeterminação necessária. *Estilo da Clínica*, 20(3), 391-399.

- Nabavi, R. T. (2012). Bandura's Social Learning Theory & Social Cognitive Learning Theory. *Research gate*, 1-23. <https://doi.org/https://www.researchgate.net/profile/Razieh-Tadayon>
- Nóbrega, I., & Ferreira, S. P. A. (2015). A mordida na creche: quais os significados dessa expressão infantil. *Universidade Federal de Pernambuco*. <http://dx.doi.org/f5d3913e-8b8e-4f8a-ab65-36a7f22d2f73>.
- Oliver, S. A. (2022). *Biting in the Classroom: Prevention and Intervention a Self-Directed Workbook for Preschool Teachers "The Bite Stops Here"*. California State University.
- Otta, E., & Bussab, V. S. R. (1998). *Vai encarar? Lidando com a agressividade*. Moderna.
- Pellegrini, A. D., Bartini, M., & Brooks, F. (1999). School bullies, victims, and aggressive victims: Factor relating to group affiliation and victimization in early adolescence. *Journal of educacional psychology*. 91(2), 216.
- Piazzaroli, R. F. D. C. (2019). A mordida no desenvolvimento infantil. *Centro Universitário FAAT*.
- Reynolds, H. K. (2017). Early Childhood Educators and Children with Challenging Behaviours: Implications for teacher preparation and training programs. *ProQuest Dissertations & Theses Global: The Humanities and Social Sciences Collection*.
- Souza, M. C. B. R (2016). Psiquismo infantil e regularidades na primeira infância. *XI ANPED SUL*.
- Träsel, J. P. (2016). Agressividade infantil: a constituição do sujeito agressivo na escola contemporânea. *Universidade do Vale do Taquari*.
- Trentini, M., & Paim, L. (1999). *Uma modalidade convergente-assistencial*. Editora da UFSC.
- Venezian, J. A., Oliveira, B. R., & Araújo, M. A. C. (2008). O manejo da agressividade da criança: O que uma mordida quer dizer? *Universidade de São Paulo*, 7.

[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100041&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100041&script=sci_arttext)

Winnicott, D. W. (2008). As raízes da Agressividade. *A criança e seu mundo*, 6, 170-262

Zinsser, K. M., Christensen, C. G., & Torres, L. (2016). Shes is supporting them: who is supporting her? Preschool center-level social emotional supports and teacher well-being. *Journal of School psychology*, 59, 55-66.